

Luís de Freitas Branco e o Monte dos Perdigões

Ana Telles

Num texto de homenagem a Bento de Jesus Caraça, escrito por Luís Freitas Branco em 1950, diz-nos o autor, citando o homenageado: «Quem vai ao Alentejo fica marcado». A máxima poder-se-ia aplicar a ele próprio, Luís de Freitas Branco, compositor e figura cimeira da cultura portuguesa da primeira metade do séc. XX, nascido em Lisboa em 1890 e falecido na mesma cidade em 1955.

De facto, as suas vivências dessa área específica do nosso país, que tanto e de tantas maneiras influenciaram a sua actividade, o seu pensamento, o seu perfil artístico e ideológico, centram-se numa propriedade específica, localizada na região de Reguengos de Monsaraz: o Monte dos Perdigões.

Essa propriedade terá pertencido a Frutuoso de Góisⁱ, meio-irmão de Damião de Góis, antepassado longínquo de Freitas Branco pelo lado materno; aliás, Luís de Freitas Branco nutria um interesse especial por esta importante figura da cultura portuguesa do séc. XVI, o que manifestou desde cedo num dos primeiros documentos em que o seu pendor musicológico se torna evidente, uma carta de Julho de 1906 ao tio João de Freitas Branco:

«Estou há muito tempo a pensar se o nosso Damião de Góis não teria deixado alguma crítica. É ridícula esta suposição, mas reunindo esse homem a dupla qualidade de escritor e músico, era possível que ele tivesse escrito alguma coisa que se referisse aos seus contemporâneos [...] e que elucidaria os actuais músicos da educação que então se recebia em Portugal [...]»ⁱⁱ

Muitos anos mais tarde, a proximidade com esse seu antepassado continua a manifestar-se, em reflexões confiadas ao seu Diário inédito sobre as relações de Damião de Góis com Erasmo e vários dos seus contemporâneos, nomeadamente no que concerne ao livre pensamento que Freitas Branco vê nessas personalidades.

Mas regressemos ao Monte dos Perdigões. Maria da Costa de Sousa de Macedo, mãe de Luís de Freitas Branco, herdou a propriedade, juntamente com o seu marido, Dr. Fidélio de Freitas Branco, em 1893ⁱⁱⁱ, na sequência do processo de partilhas a que se procedeu por óbito de seu tio, D. António da Costa de Sousa de Macedo. Através de nova escritura de partilhas, outorgada a 16 de Julho de 1919, e realizada na sequência da morte de Fidélio de Freitas Branco^{iv} (em 1918), o compositor e a sua irmã Maria Cândida de Freitas Branco^v herdaram, por seu turno, a propriedade de Reguengos; há indícios de que o seu tio João Carlos Vila Franca, médico cirurgião e melómano que vivia na Rua Anchieta, em Lisboa, terá tido um papel determinante nesse processo de sucessão^{vi}, como se poderá depreender da leitura de uma passagem da correspondência do compositor com a referida irmã, religiosa da Ordem das Carmelitas Descalças: «[...] a propósito de agradecimentos, não é a mim que deves o ter ficado com os Perdigões, senão o Tio João – eu o mais que podia era fazer uma escritura comprometendo-me a vender só a ti ou aos teus herdeiros, mas o Tio facilitou tudo. [...]»^{vii} De facto, em 1929, Luís de Freitas Branco comprou a Maria Cândida a sua metade da propriedade, comprometendo-se a saldar a dívida que assim contraíra junto dela até à data de 20 de Agosto de 1944^{viii}. Independentemente disso, Maria da Costa de Sousa de Macedo continuou a usufruir, até à data da sua morte, em 1950, dos proventos da propriedade, que o seu filho escrupulosamente lhe fazia chegar todos os anos.

Luís de Freitas Branco frequentou a região de Reguengos anualmente, e durante

largas temporadas, desde o início do séc. XX até ao final da sua vida, «apenas com excepção de três ou quatro anos»^{ix}. Importantes facetas da sua vida, como uma intensa actividade criativa (tanto em termos de obras musicais como literárias), uma não menos intensa actividade pedagógica, uma incessante curiosidade musicológica, um interesse constante por questões histórico-políticas e ideológicas, mas também um são contacto com a natureza e com as diversas actividades da vida agrícola, bem como algumas componentes essenciais da sua vida pessoal, tiveram o Monte dos Perdigões como pano de fundo. Podemos, sem exagerar, afirmar que as vivências neste espaço geográfico espelham e reflectem a forte ligação afectiva de Luís de Freitas Branco ao Alentejo e, conseqüentemente, uma importante faceta da sua relação com o seu próprio país.

ⁱ Maria Helena de Freitas refere que o Monte «pertenceu sempre à família da mãe do Luís, sendo o seu primeiro dono, Damião de Góis, ilustre antepassado desta senhora.»; cfr. FREITAS (Maria Helena de), *Memórias*, 1944-45 [p. 66]

ⁱⁱ BRANCO (Luís de Freitas), *Carta ao tio João*, s.l., 07/1906 (JMFB)

ⁱⁱⁱ Comunicação pessoal do Eng^o João Paes à autora (Lisboa, 20/07/2012); o certificado de registo predial, emitida por João Pedro dos Santos Vogado, «Administrador do Concelho de Reguengos», na «Conservatória Privativa da Comarca de Reguengos de Monsaraz», data de 3 de Março de 1893.

^{iv} Maria Helena de Freitas refere o «Monte dos Perdigões, herdade que o Luís herdou por morte do Pai»; FREITAS (Maria Helena de), *Memórias*, 1944-45 [p. 66]; o registo de transmissões da propriedade (Fotocópia não certificada em vigor n^o 546, Conservatória do Registo Predial de Reguengos de Monsaraz, 17/09/2012) corrobora esta informação, precisando que a escritura de partilhas foi outorgada a 16 de Julho de 1919.

^v Nascida em 7 de Agosto de 1892, Maria Cândida de Freitas Branco revestiu o hábito carmelitano em Agosto de 1925, tendo adoptado o nome de Maria de Cristo na sua vida religiosa.

^{vi} Cfr. comunicação pessoal do Eng^o João Paes à autora (Lisboa, 20/07/2012).

^{vii} BRANCO (Maria Cândida de Freitas), *Carta a Luís de Freitas Branco*, Echavacoiz, 30/08/1940 (JMFB)

^{viii} *Registo de transmissões da propriedade*, Fotocópia não certificada em vigor n^o 546, Conservatória do Registo Predial de Reguengos de Monsaraz, 17/09/2012.

^{ix} BRANCO (Luís de Freitas), *Bento de Jesus Caraça e o Alentejo*, texto inédito [1948] (FMS)